

Cristovão Tezza e o Brasil ressentido

Romance perturbador de Cristovão Tezza traz professor de química em Curitiba

Por **Cadão Volpato** — Para o Valor

04/09/2020 05h01 · Atualizado há 7 horas

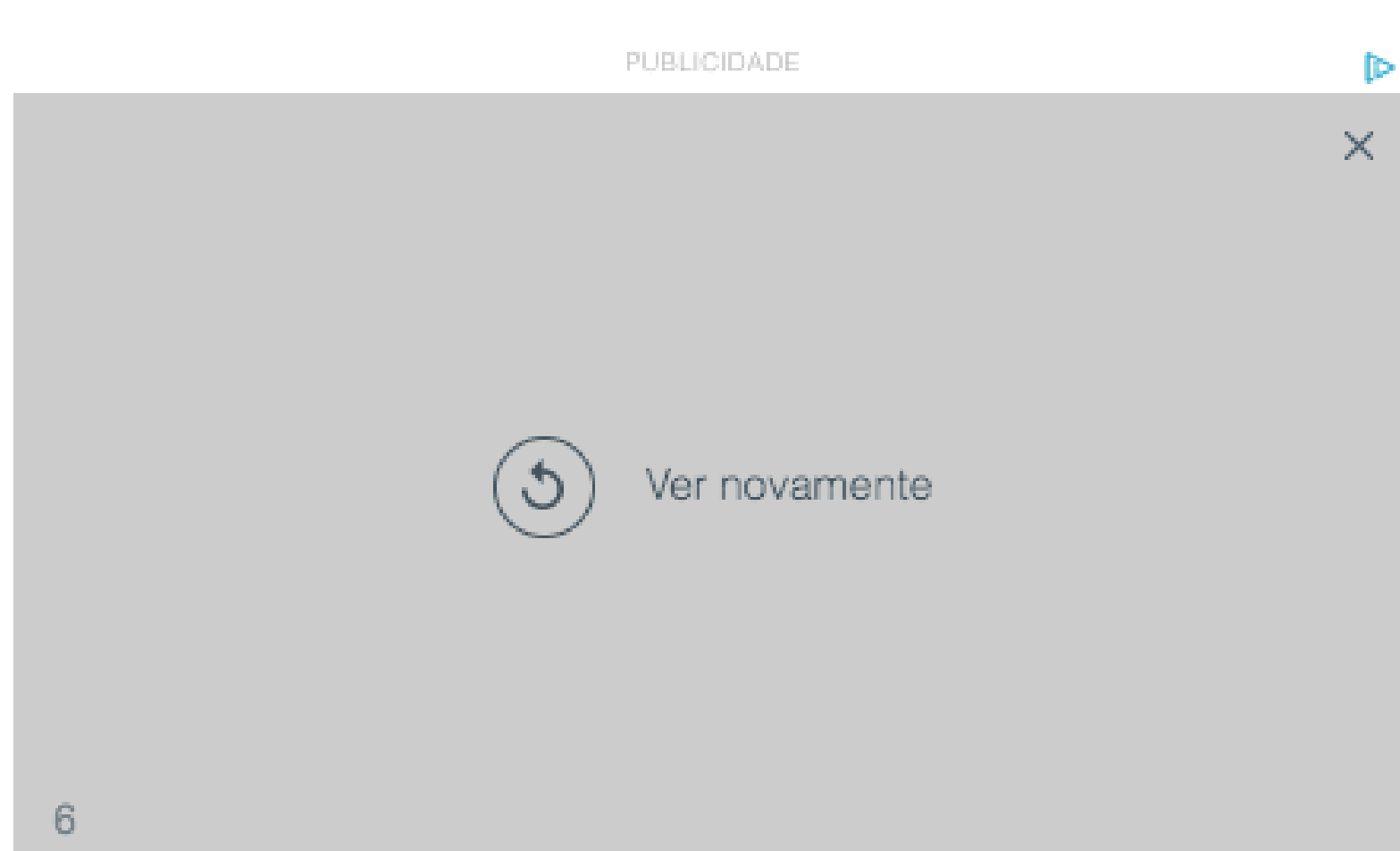


Livro de Cristovão Tezza é um prodígio de técnica narrativa, reveladora de camadas de história e personagens surpreendentes — Foto: Guilherme Pupo/Divulgação

O novo romance de Cristovão Tezza é de tirar o fôlego. Ou, como se diz de um livro absorvente, dá para ler sem tirar os olhos das páginas. Isso não quer dizer que “A Tensão Superficial do Tempo” seja um romance agradável. Não é. Na verdade, surge como uma das coisas mais perturbadoras que Tezza já escreveu em sua longa carreira.



A perturbação tem a ver diretamente com o tempo em que se passa a história, muito próxima dos dias que vivemos agora: setembro de 2019. O livro parece uma viagem sem retorno a toda essa bagunça inacreditável que o país e o mundo andam vivendo, em que a sociologia, a filosofia e a arte em geral não conseguem dar conta das questões que avultam em cada esquina do planeta.



No caso deste romance, a tentativa é tateante, movida pela raiva, pelo ressentimento e por uma infinidade de outras angústias embutidas, já que estamos dentro da cabeça de um personagem chamado Cândido, habitante de uma cidade conflagrada como Curitiba, a capital dos cataclismos nacionais dos últimos meses, vitrine da fissura de um país à beira do precipício chamado Brasil.

Curitiba e a política são os panos de fundo na cabeça de Cândido, professor de química num cursinho e pirata caseiro de filmes às voltas com um abandono recente e outros quiproquós amorosos com os quais não consegue lidar. Ou lida no ritmo vertiginoso da narrativa, que se estica entre frases em itálico e uma terceira pessoa como voz ativa.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



E dentro dessa vertigem segue o drama da classe média brasileira, da divisão irreconciliável entre amigos, relacionamentos e famílias, numa cidade crua e sem graça às vésperas de ser devastada - como as outras cidades brasileiras - pelo vírus. Ou seja, a pandemia nem havia chegado, e as pessoas já viviam um tipo de doença, que só veio para piorar o conjunto.

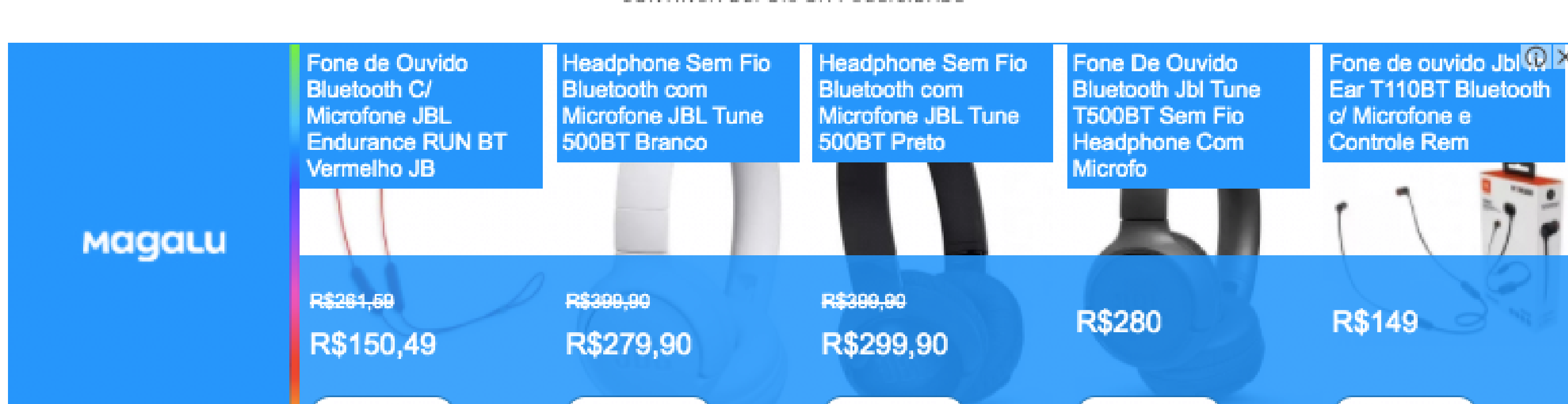
“A Tensão Superficial do Tempo” não é, apesar disso tudo, um romance-panfleto. O catarinense Tezza, de 68 anos, é um escritor experiente (venceu prêmios como Portugal Telecom e Jabuti); ele sabe que nenhuma arte sobrevive a um grito imediato esganiçado. E ele nem teria paciência para escrever isso.

Seu livro, ao contrário, é um prodígio de técnica narrativa, reveladora de camadas de história e personagens surpreendentes, ainda que trate de objetos tão possivelmente chatos como química e pirataria caseira, com períodos inteiros dedicados a termos técnicos herméticos e macetes da internet que parecem instrumentos de uma época morta - e talvez sejam mesmo, já que estamos nos movendo para uma outra era.

Curioso é como ele consegue encaixar noções áridas de química numa espécie de filosofia prática cotidiana, como se a química explicasse tudo. O título, aliás, lida com a ideia de “tensão superficial” da água, aquela que esgarça a superfície líquida.



CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



A figura ingênua deste Cândido “voltaireano” que nos conduz pela cidade - o professor de química que pirateia filmes para a mãe, com quem mora depois da separação, e que tem a mania de levar a mão a uma cicatriz do rosto num ato de timidez incontrolável - é o centro gravitacional de tudo, e esta abertura do livro reproduz o espírito que irá percorrê-lo até o fim:

“Sou pirata da internet por causa da minha mãe, e ele sorriu ao lembrar do sorriso tranquilo da Líria, e quase acrescentou, há uma química entre nós, fechando a apostila, lição um, ‘O Estudo da Matéria’. Um trocadilho e uma frase ambígua: pela ambiguidade, e talvez pela sua mãe, você perdeu sua primeira mulher, ou, melhor dizendo (a autoestima é um trunfo, disse-lhe Batista uma vez; não cai do céu), ela perdeu você, como consolo de triunfo, uma espécie de até que enfim, a infelicidade tem um limite, nem que seja minutos antes da morte - de que filme era essa frase?”. Esta é a levada do livro.

Filmes, química, mulheres, ficção em tempos de realidade tão opressiva que a arte parece não ter forças para dar conta dela: Tezza escreve um romance capaz de juntar as peças que compõem um personagem multifraturado em termos de psicologia e que além disso conseguiu retratar um mundo ao redor aparentemente irretratável (pelo menos não com o engenho exigido).

Não é pouco se levamos em conta o ataque brutal que a arte, a imaginação e também a ciência vêm sofrendo nos últimos meses. Um romanejo promovido pelas forças sombrias do real, essas que estão no poder.

“A Tensão Superficial do Tempo” Cristovão Tezza Editora Todavia 272 págs., R\$ 64,90 / AA+

AAA Excepcional / AA+ Alta qualidade / BBB Acima da média / BB+ Moderado / CCC Baixa qualidade / C Alto risco